Dia 11 — São Proto e São Jacinto

Martirológio Romano

O martírio dos santos mártires Proto e Jacinto, irmãos e eunucos de Santa Eugênia, em Roma, na via Salária velha, no cemitério de Basila; os quais, no tempo do imperador Galieno, havendo-lhes descoberto que eram cristãos, os obrigavam a sacrificar aos ídolos; mas, resistindo eles, foram primeiro açoitados com grande crueldade e depois degolados. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio dos santos Diodoro, Diomedes e Dídimo, em Laodiceia, na Síria.

São Vicente, abade e mártir, em León, na Espanha.

São Pafnúcio, bispo, no Egito, um daqueles confessores que, no tempo do imperador Galério Maximiano, depois de lhes haverem tirado o olho direito e cortado os nervos do joelho esquerdo, foram condenados às minas. No tempo de Constantino Magno defendeu valorosamente a fé católica contra os arianos e, havendo merecido muitas coroas, descansou em paz. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A morte gloriosa de São Paciente, bispo, em Lyon, na França. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Emiliano, bispo, em Vercelli. (Era natural, ao que parece, de uma aldeia de Aragão e diz-se que foi instruído na religião pelo bispo São Félix. Vivia num deserto quando, achando-se vaga a sede episcopal de Vercelli, na Itália, o céu o designou milagrosamente para ocupá-la. Assistiu aos concílios III, IV e VI de Roma, congregados pelo papa São Símaco.)

Santa Teodora, em Alexandria; a qual, havendo incautamente ofendido a Deus, arrependida de seu pecado, com admirável abstinência e paciência perseverou em hábito religioso, desconhecida, fazendo penitência até sua morte. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Proto e São Jacinto

Entre os ilustres Mártires de Jesus Cristo que testificaram com seu sangue as inefáveis verdades de nossa fé em fins do século III, são dignos de eterna memória São Proto e Jacinto, eunucos da insigne virgem romana Santa Eugênia, que pouco antes recebeu a mesma coroa do martírio. O imperador Públio Valeriano, homem amável por seu natural temperamento, nos princípios de seu reinado havia dado muitas provas de humanidade e beneficência em favor dos Cristãos, aos quais significou em não poucas ocasiões sua inclinação e afeto; mas, excitado das bárbaras persuasões do arquissinagogo dos magos do Egito ou das sugestões de Macriano, um de seus mais famosos generais, inimigo capital do nome cristão, mudou de parecer em termos que suscitou uma das mais terríveis perseguições que padeceu a Igreja, tão sangrenta que São Dionísio de Alexandria a chama por excelência *perseguição do Anticristo*; deixando-se ver Roma principalmente um teatro cruel onde se representava a horrorosa tragédia de inocentes vítimas que se sacrificavam cada dia ao furor daquele ímpio tirano. É verdade que Deus vingou a injúria feita a seu santo nome, fazendo cair Valeriano em mãos do rei da Pérsia, que o fez prisioneiro na Mesopotâmia, tratando-o indignamente como a um vil escravo, servindo-se de suas costas como de estribo para montar a cavalo e, morto depois a punhaladas, mandou pendurar sua pele num dos templos de seus deuses para que servisse de eterno monumento da vingança dos romanos.

Nem por este sucesso com que castigou visivelmente o céu a tirania daquele bárbaro melhoraram de fortuna os Cristãos, nem se interromperam os excessos do furor com que eram sacrificados. Públio Licínio Galieno, filho daquele infeliz Príncipe a quem havia associado ao império, continuou o sistema de seu pai e fez executar execráveis tiranias com os Confessores de Jesus Cristo, dando-lhes a sofrer os mais terríveis suplícios sobre quantos até então havia imaginado a ferocidade dos primeiros perseguidores. Entre os muitos que experimentaram os efeitos de sua barbárie foram Proto e Jacinto, acreditando a valentia de seu generoso espírito nos fortes combates com aquele ímpio. A complicação das atas destes dois célebres Mártires com as de outros cúmplices de seus triunfos nos impedem saber com exatidão todas as circunstâncias do bárbaro juízo com que foram condenados a padecer por sua constância na fé de Jesus Cristo; mas muitos monumentos de uma respeitável antiguidade, que conservou o estudo piedoso da Igreja, nos dão ideia da fortaleza com que sofreram tormentos superiores às faculdades da natureza humana. Pelos mesmos sabemos que, sustentados os Santos com a divina graça, ostentaram a maior serenidade nas questões do prefeito de Roma, que os julgou como a traidores do Estado e desobedientes aos editos imperiais. Ouviram-se com admiração as convincentes respostas que deram a um escrupuloso interrogatório, pelas quais uns jovens sem literatura desarmaram a filosofia pagã, demonstrando a vaidade das deidades do gentilismo e a necedade das superstições que adotava a idolatria. A invicta fortaleza dos raciocínios com que reciprocamente se alentavam a sustentar a fé e a levar alegremente o furor dos verdugos irritaram de tal sorte o acalorado Prefeito que, desesperado de poder reduzi-los por quantos meios cruéis inventou sua tirania, por último recurso mandou decapitá-los em fins do século III.

Nenhuma dúvida das que podem ocorrer nas atas destes insignes Mártires pode alterar sua antiquíssima memória. Desde o quarto século era célebre seu culto em Roma no dia 11 de setembro. Diz-se que seus corpos estiveram num cemitério situado sobre o antigo caminho de Sel: a ele deram seu nome os mesmos Santos, o qual também teve o de São Hermes; o qual foi dos mais célebres de Roma pelo número de Mártires que foram nele depositados. O papa Dâmaso fez

separar a terra que a sucessão dos tempos havia amontoado sobre as veneráveis relíquias e descobriu inteiramente seu túmulo para que os fiéis lhe tributassem a veneração devida. Poucos anos depois, um sacerdote chamado Teodoro fez construir uma igreja em honra dos Santos, que em seguida foi adornada e enriquecida pelo papa Símaco, onde continuou seu culto com mais celebridade que nos tempos antecedentes.

São Paciente, Arcebispo de Lyon

São Paciente, cuja festa celebra hoje a santa Igreja, nasceu pelo princípio do quinto século. É provável que foi natural de Lyon, como também seu grande amigo o célebre Sidônio Apolinário: ambos de família distinguida por sua qualidade, mas muito mais por seus bons procederes e pelos opulentos bens que possuía. Nada certo se sabe de seus primeiros anos nem dos empregos que obteve no mundo; só é certo que, sendo sua família uma das mais consideráveis da província, havia largo tempo que estava condecorada com as primeiras dignidades; pelo que prudentemente cremos que sua educação seria muito correspondente a seu nascimento e à religião que professava. As primeiras notícias de sua vida que nos comunica a história são representarem-no incorporado no clero como eclesiástico muito exemplar e dos mais sábios de seu tempo.

Mas a prova mais concludente do mérito de nosso Santo é sua eleição para o governo de uma igreja tão grande, tão respeitável por sua antiguidade e pelo grande número de homens ilustres em doutrina e em santidade que tem dado à Igreja de Deus aquela sede primacial. Foi São Paciente bispo de Lyon pelo fim do pontificado de São Hilário, papa, ou pelo princípio do de São Simplício; isto é, pelos anos de 467.

Logo que São Paciente se viu colocado no trono episcopal, dedicou-se a adquirir todas as virtudes que o apóstolo São Paulo considerava necessárias a um bispo, e todas as possuiu em grau eminente. Corresponderam perfeitamente à sua alta dignidade sua piedade, sua caridade e seu zelo. Sua pastoral solicitude não reconhecia outros limites que os de sua diocese; mas sua dilatada caridade nenhum reconhecia, e assim foi esta virtude uma parte de seu caráter. Era seu rico patrimônio o patrimônio de todos os necessitados, assim como as rendas de seu bispado eram as rendas dos pobres. Era seu zelo tão grande como sua caridade; pelo que muito em breve mudou de semblante a diocese de Lyon. Não havia resistência às práticas instruções do santo Pastor, sustentadas com suas piedosas esmolas e com seus exemplos.

Pelo ano de 470 consagrou, como metropolitano, a João, bispo de Chalon, assistindo a esta sagrada cerimônia São Eufrônio, bispo de Autun, e os demais sufragâneos daquela santa primaz igreja. São Sidônio Apolinário, diocesano seu, e depois bispo de Clermont, nunca acerta a falar de nosso Santo sem magníficos elogios, testificando-nos não haver-lhe faltado nenhuma das virtudes que formam os grandes e os santos prelados. Sua grande caridade foi a admiração de todo o povo. Seguiu-se uma cruel fome aos estragos que os godos acabavam de fazer em toda a França, particularmente nas províncias meridionais e no Lionês. Não se havia conhecido semelhante desolação. Tudo estava coberto de cadáveres ou de moribundos pela falta geral do necessário para a vida. Movido vivamente nosso Santo da pública calamidade, não perdoou a meio algum para o alívio de tantos

aflitos e miseráveis. Fez vir a grande custo quantidade de grãos de todos os países estrangeiros e os mandou distribuir a todos os pobres. Com sua vigilância e com sua penetração descobria as misérias mais sepultadas no fundo das províncias; e, como a seu piedoso coração não compadeciam menos as necessidades, a vergonha e o silêncio dos pobres ausentes que os clamores e as lástimas dos que tinha à vista, não se dedicava menos a enxugar as lágrimas dos que não via que a consolar as daqueles que tinha diante dos olhos. Dispôs celeiros ou paneiras públicas em todo o longo do rio Saône e do Ródano, até as províncias mais distantes; e por meio desta heroica caridade salvou as cidades de Arles, Orange, Viviers, Valence e Saint-Paul-Trois-Châteaux, Avinhão e Riez, que o veneravam como a outro segundo José, aclamando-o o libertador de todas aquelas províncias. Também experimentaram os efeitos de sua liberalidade a Auvérnia e a Aquitânia; de sorte que não se duvidou de que o trigo se multiplicava em suas mãos por um insigne e continuado milagre.

A sólida e a grande virtude de nosso Santo não resplandecia menos em todas as ações de sua vida. Sempre doce, sempre afável, sempre liberal com todo o mundo, só era severo e rigoroso consigo mesmo. Para todos estava aberto o palácio do santo Prelado: a todos franqueava sua mesa servida com esplendidez, e daqui nasceu que, achando-se então a corte em Lyon, ao mesmo tempo que o rei Gondebaldo celebrava as comidas do Arcebispo, a Rainha publicava com admiração sua sobriedade e seus jejuns. Com tão universal e tão generosa caridade fazia-se imediatamente dono dos corações de todos, procurando ganhá-los para Deus, e quase não havia quem pudesse resistir aos piedosos artifícios de seu zelo. Em suas mãos tudo crescia e tudo florescia na casa do Senhor: só diminuía visivelmente cada dia o número dos hereges por seu zelo e por sua aplicação a convertê-los com a milagrosa força de seus sermões e com a virtude de seus exemplos. Com sua doçura, com sua afabilidade, com sua modéstia e com seus gratíssimos modos domesticou o gênio feroz e cruel de Evarico, rei dos godos. Este Príncipe era ariano e havia enchido toda a França de dissolução e de carnificina. Soube nosso Santo abrandá-lo, suavizá-lo e ganhá-lo tanto que o fez mudar inteiramente de conduta, o que todos reputaram por milagre. As rendas que sobravam do sustento dos pobres dedicavam-se a fundar novas igrejas ou a reparar as antigas. Fruto são de sua magnificência a maior parte das de Lyon. Sobre todas louva Sidônio um magnífico templo que nosso Santo fez edificar, e crê-se que fosse o de São Justo ou o de Santo Ireneu. Mas o que faz formar ideia mais cabal e conceito mais elevado do extraordinário mérito e da eminente virtude do santo Prelado é a célebre carta que Sidônio lhe escreveu em nome dos Estados do Languedoc e da Auvérnia.

«Nenhuma coisa nos aproxima mais da virtude dos bem-aventurados no céu que a caridade com os pobres e com os miseráveis na terra. Perguntar-me-ás a que propósito vem esta proposição. A ti a dirijo, grande Prelado: tu, a quem não basta solicitar o alívio à pobreza que tens diante, mas vais buscar até nas extremidades das Gálias todos os infelizes e necessitados: tu és o que socorres as necessidades sem dar-te nada por conhecer as pessoas. Não é mister que os pobres se apresentem à tua porta: tu mesmo os vais buscar nos lugares mais desconhecidos. Estende-se tua vigilância pastoral até as províncias estranhas. Basta-te saber que há necessitados para não esperar que cheguem a teus ouvidos seus clamores; e, se tanto bem fazes aos estranhos, que não farás todos os dias com tuas próprias ovelhas? Com tuas piedosas esmolas desterras de tua cidade a pobreza; e tua doçura cada dia acrescenta novas vitórias a teu grande zelo. O Rei admira o grande número de pobres que sustentas, e a Rainha não acaba de ponderar tua abstinência e teus

jejuns. Passo em silêncio os magníficos ornamentos com que tens enriquecido a igreja que tens a teu cuidado. Não se sabe qual se há de admirar mais: ou os templos que tens edificado de novo, ou os que tens reparado. Não há herege que não se renda a teu zelo. Boa prova são as conversões dos arianos, dos fotinianos. Algumas destas grandes virtudes podem ser-te comuns com outros santos Prelados; mas tua caridade pode-se dizer que é sem exemplo. Mais países salvaste tu do que arruinaram os godos. Tu só encheste os celeiros por todo o curso do Saône e do Ródano: quantas cidades, quantos vastos países, quantas províncias te reconhecem por seu libertador, por seu pastor e por seu pai! E, como de outro José, pode-se dizer que tu só salvaste o reino, etc.»

No ano de 475 assistiu São Paciente ao concílio de Arles, onde se deixou admirar seu engenho, sua sabedoria e, sobretudo, sua eminente santidade. Em todas as partes era venerado como santo e em nenhuma era conhecido por outro nome que pelo modelo de perfeitos Prelados e ornamento da Igreja. Enfim, cheio de dias e de merecimentos, morreu com a morte dos justos em Lyon no dia 11 de setembro do ano 491; e é fácil discorrer qual seria o sentimento de toda a província na perda de seu santo Pastor. As lágrimas dos pobres foram singularmente o melhor e o mais nobre ornamento de seus magníficos funerais. Deu-se sepultura a seu corpo na igreja de São Justo, onde muito tempo depois foram achadas suas preciosas relíquias, e se conservaram religiosamente nela até o século XVI, em que foram dissipadas com outras muitas pelas turbulências dos huguenotes, que arruinaram, entre muitas outras, a igreja de São Justo.

São Pafnúcio, Bispo e Confessor

Este Santo era natural do Egito e cristão desde seus mais ternos anos. Havendo passado alguns anos no deserto, sob a direção do grande Antão, saiu da solidão para ser consagrado bispo da Tebaida superior. Durante a perseguição de Maximino Daia, São Pafnúcio foi outro daqueles ilustres Confessores que perderam o olho direito e logo condenados às minas, depois de lhes haverem cortado os nervos do joelho esquerdo. Restituída a paz à Igreja, o Santo voltou a seu rebanho, dedicando-se desde logo com o maior zelo e teimosia a preservá-lo dos erros do arianismo. Por sua santidade eminente e glorioso título de confessor da fé, mereceu as maiores considerações dos Padres do concílio de Niceia, ao qual assistiu. Constantino, o Grande, enquanto se celebraram as sessões daquele sínodo, conferenciou várias vezes com ele em seu palácio e jamais o despedia sem beijar-lhe o lugar em que havia perdido o olho pela fé de Cristo. Permaneceu sempre estreitamente unido com Santo Atanásio; e, juntamente com São Potâmon, bispo de Heracleia, e outros quarenta e sete bispos do Egito, acompanharam seu santo patriarca ao concílio de Tiro no ano de 335, onde encontraram que a maior parte de seus membros eram acérrimos arianos. Não se tem notícia individual da morte de São Pafnúcio, ainda que se crê que morreu pelos anos de 337.

Santa Teodora de Alexandria, Penitente

As vidas de Santa Maria Egipcíaca e de Santa Pelágia, penitentes, podem servir de exemplo especialmente para as mulheres pecadoras e publicamente más que, perdida a vergonha, entregaram ao tempo seus corpos e suas almas a Satanás. Escrevamos agora outro exemplo de uma mulher casada, nobre e rica, que, havendo vivido em grande honestidade, foi enganada e caiu numa fraqueza de carne e fez traição a seu marido, e chorou tanto seu pecado como no discurso desta história se verá; a qual escreveu Simeão Metafraste desta maneira.

Sendo imperador Zenão, nasceu em Alexandria uma mulher de pais nobres e ricos, dotada de grandes virtudes, a qual, sendo de idade, casou com um cavaleiro igual a ela, e viveram no matrimônio com grande paz e conformidade: chamava-se Teodora; era muito amada e estimada do marido porque lhe era muito obediente, muito amorosa e bem acondicionada, e pelas muitas e grandes virtudes que resplandeciam nela, pelas quais, e especialmente por sua rara honestidade, era muito querida e reverenciada de todos. Teve o demônio inveja de tanta bondade e determinou fazer crua guerra à que vivia em tanta paz com seu marido. Instigou um moço de boas partes e rico a que se afeiçoasse a Teodora: acendeu-o com chamas e estímulos de concupiscência, abrasando-lhe as entranhas quando pensava nela. Rendido o pobre moço a sua louca paixão, procurou atrair à sua vontade Teodora com brandura, promessas e presentes e com tudo o que o amor cego em semelhantes ocasiões costuma oferecer. Nenhuma coisa aproveitou para que Teodora quisesse consentir em seu mau desejo, nem sequer olhá-lo, porque, como era mulher tão honesta e tão cristã, tinha a Deus diante e a lealdade que devia a seu marido. Vendo, pois, o moço perdido que aquele negócio não lhe sucedia a seu propósito, tomou por medianeira uma velha feiticeira e endiabrada para que lhe servisse de terceira e acabasse com Teodora, por meio de suas palavras venenosas, o que ele por outros tantos meios não havia podido alcançar. A perversa velha disse tantas coisas a Teodora que com suas falsas razões a enganou e perverteu para que consentisse; e com efeito se cometeu o adultério, e logo dele se seguiu o que costuma do pecado, que é a vergonha, o arrependimento e a dor. Este foi tão grande e atravessou de tal maneira, como uma faca aguda, o coração de Teodora que, se Deus não a tivesse de sua mão, facilmente cairia em desesperação. Aquele pecado não lhe serviu de elo para outro pecado, mas para penitência e correção; porque havia nascido de fraqueza e engano, e não de malícia e má vontade. Começou a andar triste, desconsolada e aflita, e o marido, que a amava ternamente e não sabia a causa daquela novidade, procurava com carícias e regalos alegrá-la e recreá-la; mas, como a chaga estava nas entranhas e o coração tão lastimado, nenhuma coisa que fazia o marido era parte para consolar a pobre mulher. Pareceu-lhe que havia ofendido a seu Deus, desonrado a seu marido e perdido o bom nome que na cidade tinha, e que um inferno era pouco para ela; e, corrida e afrontada de si mesma, não ousava alçar os olhos ao céu. Finalmente, caiu tanto este sentimento em Teodora que, movida do Senhor, resolveu-se a pagar a culpa daquele pecado com pena perpétua e com uma penitência rigorosa de toda a sua vida. Para isto, sem que ninguém o entendesse, vestiu-se de homem e foi a um mosteiro de monges que estava como a seis léguas da cidade de Alexandria, onde com grande humildade e dissimulação de quem era suplicou ao abade

que a admitisse naquele convento para servir mais ao Senhor nele. Para prova de sua constância fizeram-na aguardar toda aquela noite fora da porta do mosteiro ao sereno, e não com pequeno perigo de ser despedaçada e comida de bestas feras; e pela manhã, vista sua constância, a admitiram, declarando-lhe o que havia de fazer naquela santa casa, a regra que havia de guardar e como havia de obedecer e servir a todos nos mais baixos e vis ofícios, e ter conta com a horta, e trazer água, e fazer todo o mais que fosse mister no convento e fora dele, e nem por isso esquecer-se do jejum, oração, horas canônicas e outras obras penais em que os santos monges se exercitavam. Tudo aceitou Teodora com grande vontade, e tudo lhe parecia pouco por satisfação e castigo de seu pecado. Exercitou-se oito anos em todos os ofícios baixos da casa, e nos demais que temos dito, com tão grande fervor e espírito do céu que punha admiração nos outros monges. Mas, quando o marido achou menos sua mulher, não se pode facilmente crer as ondas e pensamentos vários que investiram seu coração porque havia desaparecido: por uma parte temia que não fosse alguma leviandade e por outra assegurava-se com a honestidade e recato que sempre havia conhecido em sua mulher. Estando com esta congoja muito fatigado e choroso, pedindo a Deus que lhe descobrisse onde estava Teodora, apareceu-lhe um Anjo que lhe disse que na manhã seguinte fosse à igreja de São Pedro apóstolo e que ali olhasse atentamente ao rosto da primeira pessoa que se lhe pusesse diante. Mandou o abade a Teodora que fosse com os camelos à cidade comprar azeite que faltava no convento. Foi e, encontrando-se à porta da igreja de São Pedro com seu marido, saudaram-se os dois, e ela o conheceu e não foi dele conhecida; porque, como a viu vestida de homem e de monge e tão trocada e atenuada no gesto com os jejuns, não caiu em sua imaginação que podia ser ela, especialmente que se havia esquecido, por permissão de Deus, do que o Anjo lhe havia dito; mas ficou sossegado, entendendo do mesmo Anjo, que lhe voltou a aparecer, que sua mulher estava a salvo e não havia andado por mau caminho.

Mas Santa Teodora, não se contentando da vida comum dos outros monges, ainda que era tão austera e ela a fazia com suma exação, sempre acrescentava novos rigores e novas asperezas de jejum e de outras penitências para macerar seu corpo e vingar-se dele pela fraqueza que havia cometido. Deu-se tanto à abstinência que veio a não comer senão uma vez cada semana, trazendo rente a suas carnes um áspero cilício, parecendo-lhe tudo pouco para seu pecado. O abade, certo da santidade de Teodora, quis que fossem outros certificados dela. E para isto, como estivesse perto do mosteiro uma lagoa, na qual fazia sua habitação um crocodilo, o qual saía dela com dano dos caminhantes, mandou a Teodora que trouxesse um cântaro de água daquela lagoa: ela foi por ele; e ainda que as guardas postas ali pelo prefeito de Alexandria para que avisassem do dano se lhe opuseram, disse ela que a obediência lhe mandava ir à lagoa e que não podia escusá-lo. Deixaram-na e, chegando, viram que a fera a agarrou e a levou à água: ela, vendo que não lhe fazia dano, encheu seu cântaro, e a mesma fera a voltou à terra. Estando fora, pôs-se a Santa a olhar o crocodilo e repreendeu-o pelas mortes que havia feito: logo ficou ali morta a fera, e Teodora voltou a seu mosteiro. Mas, resplandecendo Teodora com tão grande exemplo e santidade, o demônio, que levava muito mal ser vencido por uma mulher a quem ele ao princípio havia rendido e derribado, vendo que não lhe sucediam os meios secretos e ocultos que havia tomado para fazer-lhe guerra, apareceu-lhe um dia e ameaçou-a que a havia de perseguir e acossar até que caísse; e logo buscou a ocasião para fazer o que aqui direi. O abade do mosteiro mandou a Teodora que fosse com os camelos à cidade por trigo e que, se não pudesse voltar a tempo, ficasse aquela noite num mosteiro que estava no caminho, chamado Nono. Fê-lo assim Teodora e, por ser já de noite, ficou no convento e foi dormir ao estábulo onde estavam seus

camelos. Instigou o demônio uma moça que a viu e creu que era homem, para que se enamorasse dele e o solicitasse a mal; e, como não achasse entrada para o que queria e estivesse abrasada do fogo infernal de concupiscência, juntou-se com outro passageiro dos que ali estavam e concebeu dele; e, crescendo-lhe o ventre e sendo perguntada de quem havia concebido, disse que do monge Teodoro no mosteiro Nono, assinalando a noite e o lugar daquela maldade. Os monges que isto ouviram acudiram ao mosteiro onde estava Teodora e deram parte do caso ao abade e aos outros monges; e, depois que pariu a mulher, levaram o menino que havia parido ao mesmo mosteiro, acriminando aquele feito. E, como Teodoro não o negasse, por padecer mais, o abade mandou expulsá-lo do mosteiro com o menino, para que o criasse como pai e fizesse a penitência de tão grave culpa. Saído do mosteiro, sustentou o menino com leite de ovelhas e criou-o por espaço de sete anos com grande paciência e alegria, comendo ela algumas ervas do campo e bebendo um pouco de água, ou, por melhor dizer, as muitas lágrimas que derramava; e pelo calor do sol trazia seu corpo tão tostado e requeimado que parecia um negro da Etiópia. Mas sempre ficou pegada ao mosteiro numa choça que ali junto havia armado, para ser mais notada dos monges que entravam e saíam. Não contente o demônio com esta teia que havia urdido, para tentá-la e afligi-la mais tomava muitas vezes a figura de seu marido e se chegava a ela, dizendo-lhe os requebros e doçuras que costumava quando estavam juntos, e derramava muitas lágrimas, rogando-lhe que as enxugasse, tirando-lhe a causa delas e voltando à sua casa: outras vezes vinham os demônios a investir com ela em forma de bestas feras, ou de soldados e de um grande exército em que vinha um grande príncipe que, por não havê-lo querido adorar, a mandou açoitar, e os demônios o fizeram com tanta força e veemência que a deixaram por morta; e alguns pastores que a viram avisaram disto os monges para que a enterrassem; mas ela voltou a si e fez oração, suplicando a Nosso Senhor que a confortasse, e com isto a deixaram. Parecendo ao abade que já Teodoro havia pago bem o delito cometido com os sete anos de tão dura penitência, mandou recebê-lo de novo em seu mosteiro, mas com condição de que estivesse fechado numa cela sem ocupá-lo em coisa alguma; e desta maneira esteve outros dois anos. Neste tempo saiu uma vez por mandado de seu abade, e foi que, por haver faltado a água em todas as cisternas do mosteiro, mandou-se a Teodora que provasse a ver se achava água numa das cisternas: obedeceu ela; e, ainda que a todos os monges era manifesto estar a cisterna sem água, ela a tirou: e daí em diante aquela cisterna e todas as demais se viram cheias de água. Depois disto ouviram um dia a Teodoro que estava falando em voz alta com o menino dentro de sua cela, e alguns monges, a quem o abade havia mandado que estivessem atentos para ouvir o que lhe dizia, ouviram-no dizer estas palavras: «Filho meu, já se chega o fim de minha vida: eu te encomendo àquele que, estando no céu, é pai de todos os órfãos, e na terra ao que o for deste mosteiro. Terás por irmãos os monges dele. Não procures ser honrado dos homens, mas de Deus; e, para sê-lo, o melhor meio é ser desonrado no mundo e padecer afrontas e falsos testemunhos. Se queres ser honrado, honra tu primeiro os outros. Aborrece o demasiado dormir: abraça a aspereza no comer e no vestir e foge de todo regalo. Não te descuides da oração nem deixes de assistir com os monges às horas canônicas, assim de noite como de dia. Não acuses teus próximos. Quando te perguntarem, responde com modéstia, postos os olhos no chão. Não zombes da culpa alheia. Chora para que sejas consolado. Faze oração pelos que souberes que vivem mal. Visita os enfermos e serve aos monges como a teus senhores. Nas tentações acode à oração e pede ao Senhor que não sejas vencido»; e, acabando de dizer estas razões, deu seu espírito ao Senhor.

Quando o menino viu morto o que pensava ser seu pai e como tal o criava, começou a chorar amargamente; e os monges que ali estavam por ordem do abade, ouvindo os documentos que Teodora dava àquele menino, avisaram-no do que se passava; e o mesmo abade aquela noite teve uma revelação em que lhe descobriu Deus a grande glória que tinha Teodora no céu e a penitência tão extraordinária que havia feito com o nome de Teodoro. Convocou seus monges; declarou-lhes a revelação que havia tido; levou-os à cela onde estava o santo corpo, e viram que era mulher e não homem, e louvaram todos ao Senhor; e, para honrar mais o santo corpo, avisaram todos os monges que estavam naquela comarca, e especialmente aqueles que haviam acusado Teodoro e dado por filho ao que não era seu. Todos vieram à porfia e reverenciaram o santo corpo e o sepultaram cantando hinos e salmos e com as outras cerimônias que usa a santa Igreja. Também o marido de Teodora, que sempre havia estado em tristeza e lágrimas, foi avisado do céu que sua mulher era morta naquele mosteiro; e, indo a ele para vê-la, encontrou-se com um monge a cavalo que por ordem do abade do convento o ia chamar. Veio, viu-a, chorou-a e pediu com grande instância que lhe dessem o hábito de monge e a cela em que havia morrido Teodora, na qual viveu e acabou santamente sua vida; e o menino imputado e criado de Teodora, com os santos conselhos que ela lhe deu, ficou no mosteiro e viveu com tão perfeito exemplo e religião que veio a ser abade do mesmo mosteiro.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Paciente, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Patientis, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus; et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, as súplicas que vos fazemos na festividade de vosso confessor e pontífice São Paciente; e, pois vos serviu tão dignamente, livrai-nos de todos os nossos pecados em atenção a seus merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 13 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios (o impresso diz «capítulo 11»).

1 Coríntios 13,4-8

>

> **Latim:** [4] Caritas patiens est, benigna est. Caritas non æmulatur, non agit perperam, non inflatur, [5] non est ambitiosa, non quærit quæ sua sunt, non irritatur, non cogitat malum, [6] non gaudet super iniquitate, congaudet autem veritati : [7] omnia suffert, omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet. [8] Caritas numquam excidit : sive prophetiæ evacuabuntur, sive linguæ cessabunt, sive scientia destruetur.

Português: [4] A caridade he paciente, he benigna: a caridade não he invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece, [5] não he ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, [6] não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: [7] tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre. [8] A caridade nunca jámais ha de acabar: ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as linguas, ou seja abolida a sciencia.

Reflexões

A caridade é paciente. Dá princípio o Apóstolo ao retrato da caridade e o conclui em dois traços. Com efeito, à paciência em sofrer nossos irmãos, ao cuidado em não lhes dar a eles que sofrer e à atenção de solicitar-lhes todo o bem que se possa reduz-se no fundo toda a doçura, todo o espírito e quase todo o exercício da caridade. É certa grandeza de alma, que tem algo de heroísmo, saber sobrelevar o humor, o natural e até os mesmos defeitos das pessoas com quem vivemos. A paciência com que se sofre a nossos irmãos é muito superior a uma virtude ordinária, assim como não há melhor prova de pouca virtude que o pouco sofrimento. Ninguém deixa de ter seus defeitos que lhe sofram os demais; pois por que não sofreremos os seus aos outros? O melhor elogio, o mais nobre retrato de uma alma generosa, heroica e verdadeiramente cristã é aquela bondade sempre compassiva e sempre benéfica que a inclina muitas vezes a sentir mais as misérias alheias que as próprias, não tendo maior gosto que aliviar os desgraçados. É sinal de uma alma bela compadecer-se sinceramente dos aflitos, à diferença daquela maligna compaixão que nasce do orgulho quando algumas vezes nos lastimamos dos trabalhos de nossos inimigos, dando-lhes a entender nossa condolência precisamente por manifestar-lhes nossa superioridade ou nossa melhor fortuna. A verdadeira compaixão não consiste só em ternuras exteriores nem em lágrimas inúteis; pede também socorros efetivos; e, quando a esmola se acompanha com a compaixão, é mais estimável que a esmola mesma. É a caridade aquele único amor que sabe juntar o juízo e a prudência com o ardor e com a vivacidade. Todo outro amor é cego quando é ardente e não reconhece outro guia que o capricho, a indiscrição, a temeridade e algumas vezes a loucura. Para amar o próximo como se deve é mister sentir baixamente de si mesmo. O orgulho inspira desprezo dos demais; pois como é possível amar a quem se despreza nem desprezar a quem se ama? Talvez seja mais dificultoso sofrer sem emulação as prendas sobressalientes dos sujeitos com quem se vive que levar em paciência seus defeitos; mas a caridade não conhece esta maligna inveja, que ao mesmo tempo é o tormento e o rubor do amor-próprio. Coisa estranha! Nenhuma coisa devera ser mais comum entre os fiéis que a caridade, pois nenhuma nos encomenda tanto Jesus Cristo. Ela é a virtude própria e característica dos Cristãos: *In hoc cognoscent omnes.* Com tudo isso, é hoje

entre eles uma virtude bastante rara a caridade. Segundo isso, terá hoje Jesus Cristo muitos discípulos verdadeiros?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,33-36

> **Latim:** 33 Nemo lucernam accendit, et in abscondito ponit, neque sub modio : sed supra candelabrum, ut qui ingrediuntur, lumen videant. 34 Lucerna corporis tui est oculus tuus. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit : si autem nequam fuerit, etiam corpus tuum tenebrosum erit. 35 Vide ergo ne lumen quod in te est, tenebræ sint. 36 Si ergo corpus tuum totum lucidum fuerit, non habens aliquam partem tenebrarum, erit lucidum totum, et sicut lucerna fulgoris illuminabit te.

Português: 33 Ninguem accende huma candéia, e a põe em hum lugar escondido, nem debaixo de hum alqueire: mas sobre hum candieiro, para que os que entrão vejão a luz. 34 O teu olho he a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será lucido: se porém for mão, tambem o teu corpo será tenebroso. 35 Olha pois bem que a luz, que he em ti, não sejão trévas. 36 Se pois o teu corpo for todo lucido, sem ter parte alguma tenebrosa, todo elle será luminoso, e allumiari-te-ha, como huma luzerna de brillante luz.

Meditação

Sobre a caridade cristã

Primeiro ponto

Considera de que importância é o primeiro mandamento da lei: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma.* Pois o segundo, que manda amar o próximo como a si mesmo, é semelhante ao primeiro. Eles são dois mandamentos; mas, por assim dizer, quase é uma só coisa a que mandam ambos, pois o amor com que reciprocamente se amam os Cristãos pode-se dizer que é uma mesma virtude e um mesmo amor que aquele com que o mesmo Deus quer ser amado. Já amemos a Deus, já amemos a nossos irmãos por esta cristã caridade, sempre é uma mesma coisa a que amamos; porque amamos a Deus em nossos irmãos e amamos a nossos

irmãos por Deus. Quanta é a bondade de Deus em haver unido tão estreitamente estes dois preceitos!

«Este é meu mandamento, diz o Salvador, que vos ameis uns aos outros como eu vos amo.» Este é o mandamento de vosso divino Mestre, diz São João; se o observamos, observamos toda a lei. «O sinal por onde se conhecerá que sois meus discípulos, diz o Filho de Deus, será se vos amardes uns aos outros.» Oh, que motivo tão excelente para obrigar-nos a amar nossos irmãos! Será mister porventura propor-nos outro? Este é o preceito especial, o preceito favorecido de Jesus Cristo: este é o sinal por onde hão de ser conhecidos seus discípulos; isto é o mais grato, o mais aceitável a Jesus Cristo que podemos fazer.

Grande erro é imaginar que se ama a Deus quando não se ama o próximo. Em vão nos lisonjearíamos de amar a Deus se houvesse no mundo uma só pessoa a quem não amássemos como a nós mesmos. É devoção falsa, é amor de Deus imaginário, quando há no coração a menor emulação, o menor ressentimento, a mais mínima aversão. Pois qual será a sorte dos que retêm injustamente o bem alheio e dos que se comprazem em denegrir a reputação de seus irmãos? Que poderão esperar aqueles malignos corações, aqueles gênios avinagrados que, por vingança, por inveja ou por alguma outra paixão, pretendem persuadir que só aborrecem nos outros seus defeitos e querem fazer mérito, desejando que se tenha por virtude toda a malignidade de seu falso zelo?

A caridade cristã ignora estes artifícios. É propriedade dos insetos, dos vermes venenosos, pegar-se só às chagas; a caridade só nota nos irmãos as virtudes, escusando ou interpretando benignamente os defeitos.

Ah, Senhor, e quão pouco me caracteriza a mim o sinal que caracteriza vossos filhos! E quão visivelmente prova o pouco amor que vos tenho tido a Vós a pouca caridade que tenho tido até agora com meu próximo!

Segundo ponto

Considera que o amor de Deus está tão estreitamente ligado com o amor do próximo que não pode subsistir sem esta fraterna caridade: «Se alguém diz que ama a Deus e não ama seu irmão (diz o amado Discípulo), *mendax est*, mente.» Mas qual há de ser a medida, o modelo, por assim dizer, deste amor? O amor de nós mesmos. Ah Senhor, segundo isto, quão poucos há no mundo que tenham este amor e esta caridade!

Consideremos todas as propriedades de nosso amor-próprio. Que atenção a solicitar cada qual suas conveniências e a desviar tudo o que pode incomodá-lo, entristecê-lo ou prejudicá-lo! Que engenhosos somos todos em ocultar, em dissimular nossos defeitos! Com que ardor se aplica cada um a defender seus interesses, a promover seus adiantamentos! Não há lisonjeiro que iguale o amor-próprio: escusa até nossas mais grosseiras imperfeições e aprova tudo o que nos lisonjeia. Conhecerás por estes traços o amor que tens a teus irmãos? Comportas-te com eles com o mesmo afeto, com a mesma sensibilidade, com a mesma brandura e com a mesma indulgência? Essas

negras invejazinhas, essa desdenhosa frialdade, essas malignas interpretações, esses desapiedados juízos, essas mordazes censuras, essa dureza e esse sacudimento são provas de que amamos o próximo como a nós mesmos? Mas, em meio a isso, este é um dos pontos essenciais da Religião, esta é como a base de toda a moral cristã: *In hoc cognoscent omnes.* (Jo 13.) Por este sinal se conhecem os discípulos de Cristo; este é o preceito especial e o distintivo do Salvador. Não guardá-lo é estar em desgraça sua: *Manet in morte.* (1 Jo 3.) Sem embargo disso, há preceito geralmente menos observado nem que se atropele com maior tranquilidade?

Admiramos toda a cristã caridade de um São Paciente: convimos todos em que esta virtude brilhou, sobressaiu em todos os Santos; que foi a virtude favorecida de todos os predestinados; que sem ela não há direito para entrar nos gozos do Senhor; que ela só regula a sentença que faz às almas bem-aventuradas. Bem; e é hoje a virtude geral de todos os fiéis? Ó meu Deus, que fundo de reflexões, de justos sobressaltos, de cruéis remorsos!

Senhor, em que miserável erro vivi até aqui, lisonjeando-me vãmente de que vos amava a Vós quando amava tão pouco meus irmãos! Minha conduta, com a assistência de vossa divina graça, provará de agora em diante quanto detesto desde já tão lastimoso descaminho.

Jaculatórias

Ponho por testemunha ao mesmo Deus de que vos amo a todos vós, irmãos meus, nas entranhas de meu Senhor Jesus Cristo. (Fl 1.)

Se nos amamos uns aos outros, sinal de que Deus está conosco. (1 Jo 4.)

Propósitos

1. Muito de temer é que a falta de caridade faça inúteis, e até execráveis aos olhos de Deus, muitos jejuns, muitas orações, muitas penitências e muitos trabalhos padecidos, ao que parece, por amor de Jesus Cristo; mas que ficaram estéreis e secos por haver-lhes faltado a rega da caridade cristã. Quantas pessoas, ao que parece muito devotas, depois de inumeráveis exercícios espirituais, depois de haver passado muitos anos na solidão, depois de haver gasto seus bens e consumido sua vida em serviço do próximo, se acharão à hora da morte, se não com as mãos vazias, ao menos não tão cheias de méritos como presumiam, por haver tido pouco cuidado de aperfeiçoar-se na cristã caridade! De que serve extenuar o corpo a penitências, atormentar-se a si mesmo com tanta crueldade como os tiranos atormentaram os santos Mártires, se não se podem levar em paciência as imperfeições, nem sequer as perfeições, de nossos irmãos? Levo todos os meus trabalhos com invencível constância: não há perseguição tão grande que faça titubear minha firmeza: estou cheio de gozo em meio às adversidades; mas me aflige a prosperidade alheia, causam-me sentimento os felizes progressos de meu próximo; pois *nihil sum.* Toda a minha aparente virtude, toda a minha postiça paciência é como nada. Tenho especial gosto em fazer com

os pobres os mais humildes ofícios, humilho-me e desprezo-me a mim mesmo sem que me custe trabalho; mas sinto não sei que secreta complacência em ver humilhados os outros: pois *nihil sum.* Todas estas exterioridades são enganosas, tudo é falsa aparência de virtude, tudo é hipocrisia. Nunca meças tua virtude senão pela regra da caridade. Desde este mesmo ponto hás de tomar uma forte resolução de sobressair, mediante a divina graça, no exercício da caridade cristã, isto é, não só de visitar, assistir e honrar os pobres como a irmãos teus, mas de usar de agora em diante com todo o mundo de uns modos doces, gratos, atentos e cortesãos. Desterra de ti desde logo esses modos altaneiros, esses termos injuriosos, essas vozes desentoadas e esses desdéns depreciativos, duros e picantes. Trata de ser sumamente delicado em tudo o que interessa à estima, à honra e à reputação alheia. Escusa sempre os defeitos do próximo; compadece-te de suas desgraças: alegra-te de suas prosperidades: tem com todo o mundo uma caridade benéfica, constante e universal. Enfim, seja teu amor-próprio, por assim dizer, a regra de tua caridade, amando o próximo como a ti mesmo.

2. Seja sempre um dos principais pontos de teu exame este preceito tão preciso da caridade. Lembrando-te do extraordinário zelo e da imensa caridade de São Paciente, pede ao Santo que te alcance de Deus esta virtude tão importante. Foi seu caráter a caridade pura, infatigável, benéfica e universal: pede-a ao Senhor por intercessão do Santo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:26 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:26 by Admin